

# **ORIENTAÇÕES FACE AO FUTURO DE JOVENS ADULTOS A FREQUENTAREM CURSOS EFA DE DUPLA CERTIFICAÇÃO<sup>1</sup>**

**Natália Alves\*, Rita Queiroga\*, Paula Guimarães\* y António José Almeida\*\***

*\*Instituto de Educação, Universidade de Lisboa; \*\*Escola Superior de Ciências*

*Empresariais, Instituto Politécnico de Setúbal*

## **Resumo**

Este texto surge no âmbito de um projeto de investigação europeu YOUNG\_ADULLLT e centra-se na análise das orientações face ao futuro de jovens adultos (18 - 29 anos) que frequentam cursos de Educação e Formação de Adultos de dupla certificação. A análise é suportada teoricamente na proposta de tipologia de orientações face ao futuro de Devadason (2008) e empiricamente em 10 entrevistas biográficas a jovens adultos. Os dados recolhidos revelam uma polarização entre aqueles para quem o futuro é vago e nebuloso e os que descrevem detalhadamente os seus projetos.

**Palavras-chave:** jovens adultos; projetos de vida; orientações face ao futuro

## **Resumen**

Este texto es parte del proyecto de investigación europeo YOUNG\_ADULLLT. Se centra en el análisis de las orientaciones futuras de los adultos jóvenes (de 18 a 29 años de edad) que frecuentan los cursos de educación y formación profesional de doble certificación para adultos. El análisis está respaldado por la tipología de orientaciones futuras de Devadason (2008) y se basa empíricamente en 10 entrevistas biográficas con adultos jóvenes. Los datos revelan una polarización entre aquellos con descripciones vagas y aquellos con proyectos de vida detallados.

**Palabras clave:** adultos jóvenes, proyectos de vida, orientaciones futuras.

## **Abstract**

This paper is part of the European research project YOUNG\_ADULLLT<sup>2</sup>. It focuses on the analysis of young adults' future orientations (18-29 years old) who attend double

---

<sup>1</sup> 6th INTERNATIONAL CONGRESS of EDUCATIONAL SCIENCES and DEVELOPMENT, Setúbal, IPS, 2018

certification adult vocational education and training courses. The analysis is supported in Devadason's (2008) typology of future orientations, and empirically based on biographical interviews with 10 young adults. The data reveal a polarization between those with vague descriptions and those with detailed life projects.

**Keywords:** young adults, work plans, future orientations.

## Introdução

As sociedades ocidentais têm sido confrontadas com profundas transformações nos domínios económico, educativo, cultural e social. Estas transformações têm tido um particular impacto sobre a população juvenil. O prologamento das trajetórias escolares, o aumento do desemprego juvenil e da precariedade têm contribuído para o prolongamento da juventude e para a desestandardização dos percursos de transição para o trabalho e para a adultez. Os cursos de vida dos jovens são cada vez mais marcados pela alternância entre a frequência de cursos de educação ou formação, obtenção de um emprego e vivência de situações mais ou menos recorrentes de desemprego. Num contexto onde impera o risco e a incerteza, as transições lineares e colectivas deram lugar a percursos cada vez mais individualizados, onde cada jovem é chamado a construir subjetivamente o sentido para as suas escolhas e a atribuir coerência à sua biografia.

As dificuldades com que os jovens se debatem no mercado de trabalho têm conduzido à difusão da ideia de que o trabalho perdeu centralidade nas suas vidas (Twenge, Campbell, Hoffman e Lance, 2010). No entanto, vários estudos têm revelado que, apesar de se verificar uma alteração nos valores do trabalho entre as gerações, a sua centralidade continua inquestionável (Ferreira, Lobo, Rowland e Sanches, 2017; Smola, e Sutton, 2002; Vinken, 2007).

---

<sup>2</sup> The YOUNG\_ ADULLLT project, *Policies Supporting Young People in their Transitions to Adulthood. A Comparative Perspective of Lifelong Learning and Inclusion in Education and Work in Europe*, is funded by European Union's Research Programm Horizon 2020 (Ref Young-3-2015, grant agreement n.º 693167).

Neste artigo, propomo-nos analisar as orientações face ao futuro, em particular face ao trabalho, dos jovens adultos que frequentam cursos de educação e formação de dupla certificação. As orientações face ao futuro são uma categoria analítica essencial para compreender as identidades dos jovens adultos. A análise deste tipo de orientações implica ter em conta três outras categorias propostas por Nilson (1999): sonhos, desejos e planos. Segundo a autora, os sonhos inscrevem-se num plano sem tempo nem espaço, não exigindo qualquer comprometimento para a sua concretização. De certa forma, correspondem a situações idealizadas, só passíveis de serem concretizadas caso os contrangimentos estruturais sejam totalmente suprimidos ou um qualquer evento futuro ocorra. Os desejos, por seu turno, são mais tangíveis e concretos. Eles integram um campo de possibilidades, ainda que definido de uma forma vaga. Apesar do seu maior grau de concretidade, os desejos estão associados à percepção da incerteza face ao futuro e à existência de fatores estruturais que escapam ao controlo individual. Para Nilsen (1999, p. 179), “planos são os mais concretos destes conceitos. Eles têm um horizonte temporal e espacial no qual normalmente se expressam e estão relacionados com um sentimento individual de controlo”. Os planos estão associados a ações estratégicas individuais ou a acontecimentos que os jovens antecipam vir a concretizarem-se num futuro mais ou menos próximo. Assim, os planos tanto podem ser considerados como projeções do presente num futuro próximo ou como uma orientação a médio prazo. Em ambos os casos, os planos estão associados à agência, à confiança na situação presente e à capacidade de levar a cabo ações dotadas de racionalidade estratégica. No entanto, como Nilsen (1999, p. 181) salienta, “eles estão mais relacionados com o presente dilatado (*extended present*) do que com o futuro a longo prazo”. Num artigo mais recente, Brannen e Nilsen (2002), atribuem a dificuldade dos jovens adultos em pensar a longo prazo e em planear com a intensidade da vida quotidiana. Apesar deste aspeto não poder ser descurado, estamos em crer que essa dificuldade não pode também ser dissociada das condições de vida objetivas, da estruturas de oportunidades a que têm acesso e da forma como subjetivamente lidam e incorporam nos seus projetos de vida o risco e a incerteza.

Com base na proposta de Nilsen (1999) e de Schneider e Stevenson (1999) que estabelecem uma distinção entre aspirações alinhadas, quando remetem para uma trajectória escolar e para um emprego específico, e as desalinhadas onde a um elevado

nível de aspiração não corresponde um plano concreto que permita a sua concretização, Devadason (2008) propõe uma tipologia das orientações face ao futuro dos jovens adultos (Tabela 1).

Tabela 1

*Tipologia das orientações face ao futuro dos jovens adultos*

Orientações face ao futuro	Desalinhadas	Alinhadas
Vagas	Desejos	Esperanças
Detalhadas	Planos Cor de Rosa	Planos Precisos

Fonte: Devadason, 2007, p. 1131

### **Método**

Os dados foram recolhidos através da realização de 10 entrevistas biográficas a jovens adultos com idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos que frequentam os cursos de Educação e Formação de Adultos de dupla certificação, num centro de formação profissional do Instituto de Emprego e Formação Profissional, no Alentejo Litoral. Estes cursos destinam-se a aumentar a qualificação académica e profissional da população adulta. No entanto, quando promovidos pelo IEFP, eles fazem parte do conjunto das políticas ativas de emprego e elegem como destinatários os desempregados e os grupos em risco de exclusão social. Os jovens adultos entrevistados estavam inscritos no centro de emprego como desempregados quer à procura do primeiro emprego quer de um novo emprego, antes do início do curso.

A seleção da amostra foi feita com base no voluntariado. A quase totalidade das entrevistas foi realizada no centro de formação e teve uma duração que variou entre os 30 minutos e as 2h e 15m. Depois de transcritas, as entrevistas foram objeto de uma análise de conteúdo temática.

### **Resultados**

O primeiro aspeto que importa reter prende-se com a centralidade que o trabalho assume nos seus projetos. A referência ao trabalho é hegemónica nas suas narrativas, sendo as restantes dimensões da vida relegadas para um plano secundário ou mesmo omitidas. O segundo aspeto confirma os resultados dos trabalhos de Nilsen (1999) e de

Brannen e Nilsen (2002) quando dão conta da dificuldade dos jovens adultos em elaborarem projetos a longo prazo. Nesta pesquisa, alguns dos entrevistados não só resistiram a projetar-se no futuro a 10 anos como se recusaram liminarmente a fazê-lo ainda que relativamente ao futuro próximo todos tenham um projeto a que aspiram.

### **Orientações vagas: entre desejos e esperanças**

A maioria dos entrevistados revela face ao futuro orientações vagas que oscilam entre os desejos, as esperanças e a recusa em pensar no longo prazo. José é o exemplo paradigmático desta recusa. Apesar da insistência da entrevistadora, recusa-se a prever o futuro a 10 anos.

Apesar desta atitude, José e os restantes colegas têm, relativamente ao futuro próximo, projetos precisos: todos querem terminar o curso e arranjar um emprego. José quer acabar o 12º ano, entrar na área de soldadura e eletricidade e, *se Deus quiser, ter sucesso*. João Miguel quer *ter um trabalho fixo, sem ter de andar a saltar de emprego em emprego*. Também o Hugo quer arranjar um emprego estável que lhe permita a independência habitacional saindo da casa dos sogros e *fazer uma vidinha com a namorada*. A Maria Fernandes anseia por um emprego num cabeleiro, *em que me dê bem e também me consiga dar bem com o patrão e que o patrão goste de mim*. Por último, a Ana gostava de acabar o curso e depois aprofundar as áreas de que mais gosta: *fazer outras técnicas de unhas, por exemplo, o desenho a aguarela nas unhas, fazer o desenho da sobrancelha, fazer tatuagem, extensão de pestanas*.

Em relação aos projetos a longo prazo, as orientações são bem mais vagas e difusas, inscrevendo-se nuns casos no domínio dos desejos noutros das esperanças. O João Miguel imagina-se a viver em Coimbra, numa casa que herdou da avó, a trabalhar nas *obras ou cafés*. O Hugo, não sabe se chega aos 30 anos, mas espera estar a trabalhar e que *já esteja nesta vida estável, aqui na zona, perto de casa*. A Ana, que *sempre quis abrir um salão por conta própria*, vê-se no seu salão com algumas pessoas a trabalhar consigo. A Maria, ironizando, vê-se *uma empresária de sucesso e com 2 ou 3 cabeleiros abertos*.

### **Orientações detalhadas: planos cor-de-rosa e planos precisos**

Adriano e Rodrigo têm orientações detalhadas e planos precisos quanto ao futuro longínquo, contando com pormenor os seus projetos. Adriano já fez o diagnóstico da situação: na região há apenas um cabeleireiro barbeiro com 89 anos; os transportes públicos são escassos e a mobilidade reduzida. O seu projeto consiste *numa roulotte, toda reformulada, com um salão lá dentro*. Ele sabe que quando acabar o curso não vai *estar 100% apto para trabalhar sozinho*. Quer fazer um estágio profissional e trabalhar por conta de outrém *para ganhar mais balanço de trabalho*. Pensa fazer uma parceria com a mãe que *é esteticista, faz unhas de gel, acrílico, e faz depilações* e com uma amiga que *faz depilações a laser*. Daqui a 20 anos, quer ser *um cabeleireiro de renome*.

Rodrigo também gostava de ter um negócio próprio. A sua intenção *é abrir um campo fotovoltaico e vender energia à EDP*. Quer arriscar, mas *é uma coisa que tem de ser estudada primeiro, se há mercado daqui a 4,5, 6 anos, se há lucro*. Falou com um professor que ainda lhe deu mais força. Já andou a estudar e a informar-se. Sabe que *cada estrutura fica mais ou menos em 7, 8 mil euros*. Tem pessoas que o ajudam: *uma contabilista, um advogado e um arquiteto com o projeto*. Já tem *tudo estruturado*. Daqui a 20, 30 anos, vê-se com um *empresário médio*. Não quer *ser nenhum magnata, desde que tenha uma vida razoável....*

Júlio gostava de ter uma *barbearia aqui na zona*. Mas ao contrário de Adriano, as suas orientações são desalinhas e o seu projeto cor-de-rosa. A curto prazo, quando acabar o curso, quer ficar a trabalhar mais 6 meses onde já trabalha e *apanhar o subsídio de desemprego*, ir para Lisboa, onde está a namorada e *tentar arranjar emprego num cabeleireiro*. Daqui a 10 anos, vai *estar todo tatuado* e quer ter um barbeiro seu. Como o vai conseguir, permanece uma incógnita.

### **Conclusões**

Falar sobre o futuro longínquo não é tarefa fácil para a maioria dos entrevistados como, aliás, outros estudos têm demonstrado. Entre eles predominam as orientações vagas e, em muitos casos, desalinhas como se a incerteza os impedisse de ser projetarem no futuro. A esta estratégia de evitamento do longo prazo contrapõe-se uma outra, bem mais definida para o futuro próximo: terminar o curso e obter um emprego estável. O desejo de estabilidade não pode ser dissociado das dinâmicas do mercado de trabalho local, marcado por uma elevada sazonalidade na agricultura, no turismo e na

indústria e das suas próprias experiências de trabalho. A criação do próprio emprego é o demoninador comum a todos os que partilham orientações detalhadas face ao futuro. Ter um negócio é não só fruto de um sistema de disposições individual, mas também uma forma de escapar à precariedade, à subordinação hierárquica e à exploração salarial com que todos já foram confrontados na sua ainda curta trajetória profissional.

### **Referências**

- Ferreira, V. S., Lobo, M. C., Rowland, J. & Sanches, E. R. (2017). *Geração Milénio? Retrato social e político*. Lisboa: ICS.
- Devadason, R. (2008). To Plan or Not To Plan? Young Adult Future Orientations in Two European Cities. *Sociology*, 42(6), 1127–1145.
- Nilsen, A. (1999) Where Is the Future? Time and Space as Categories in Analyses of Young People's Images of the Future. *Innovation*, 12(2), 175–94.
- Schneider, B. & D. Stevenson (1999). *The Ambitious Generation*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Smola, K. W. & Sutton, C. D. (2002). Generational differences: revisiting generational work values for the new millennium. *Journal of Organizational Behavior*, 23, 363–382.
- Twenge, J. M., Campbell, M., Hoffman, B.J. & Lance, C. E. (2010). Generational Differences in Work Values: Leisure and Extrinsic Values Increasing, Social and Intrinsic Values Decreasing. *Journal of Management*, 36(5), 1117-1142.
- Vinken, K. (2007). New life course dynamics? Career orientations, work values and future perceptions of Dutch youth. *Young*, 15(1), 9-39.